

Quebrando o Silêncio:

O legado da escravidão e seu poder transformador na cultura popular brasileira¹

Patrícia Trindade Maranhão Costa²

Resumo:

O texto busca analisar a noção de “cativeiro” e a sua centralidade para os praticantes da congada, de modo a ressaltar a quebra do silêncio sobre o passado de escravidão promovido por essa manifestação da cultura popular brasileira. De uma maneira singular, a congada permite encontrar na experiência traumática da escravidão, e não apesar dela, elementos de valorização do negro e do descendente de escravos, conferindo-lhe um lugar senão de honra, pelo menos de respeito na cena histórica brasileira.

Palavras-chave:

Cativeiro, congada, escravidão.

Tem gente que fala que o congado veio da África, (...) que os africanos é que inventaram o congado, mas não é nada disso! Isso existe desde o início do mundo. Isso é coisa dos antigos.

Enquanto mostrava as roupas e instrumentos rituais usados nas festas em louvor à N. Sra. do Rosário, a *rainha perpétua*, responsável por essa comemoração, proferia as palavras acima. Para ela, assim como para os congadeiros de Serra do Salitre-MG, a congada tem uma origem ligada ao “cativeiro”, experiência instauradora do mundo quando os *antigos escravos* que povoaram as fazendas da Serra nelas fincaram as suas raízes de onde tiveram início novas tradições genuinamente negras e brasileiras.

Nesse sentido, o presente texto busca analisar a noção de “cativeiro” e a sua centralidade para os praticantes da congada, de modo a ressaltar a quebra do silêncio sobre o passado de escravidão promovido por essa manifestação da cultura popular brasileira. De uma maneira singular, a congada permite encontrar na experiência traumática da escravidão, e não apesar dela, elementos de valorização do negro e do descendente de escravos, conferindo-lhe um lugar senão de honra, pelo menos de respeito na cena histórica brasileira.

¹ Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² Atualmente a autora é consultora na Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação (SAGI) do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Essas reflexões partem da tese de doutorado “As Raízes da Congada: A renovação do presente pelos Filhos do Rosário”, defendida em agosto de 2006, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. O foco mais amplo da pesquisa residia na análise da origem escrava da congada que se desenvolvia na região do Alto do Paranaíba, oeste de Minas Gerais. A congada estudada refere-se a uma manifestação artística, de cunho religioso, desenvolvida no seio do catolicismo popular. Ela é constituída por diferentes grupos também chamados ternos, guardas ou cortes, que tocam, dançam e cantam em diferentes ritmos versos em louvor a santos como N. Sra. do Rosário e São Benedito.

Liderados por um *capitão* ou *comandante*, os ternos reúnem cerca de trinta pessoas que mantém entre si laços de parentesco e compadrio, além de constituírem uma rede de relações em que prevalece a solidariedade e a ajuda mútua. Embora pessoas que não se consideram negras possam participar dos grupos, a congada é percebida como “coisa de preto” nas cidades em que aparece. Homens, mulheres e crianças normalmente desfilam para ninguém ver, mas cumprem rigorosamente a função de homenagear N. Sra. do Rosário.

A devoção à santa expressa na dança é intrínseca à experiência da escravidão, contexto em que foi engendrada a forte ligação dos congadeiros com a Sra. do Rosário e também com São Benedito. A congada é, portanto, parte de uma herança cultural da escravidão que traz em si um potencial contestador das desigualdades sociais, como aponta o evento mítico que deu origem à dança.

Segundo narrativas amplamente partilhadas pelos congadeiros do Alto do Paranaíba (**conferir mapa**)³, a santa branca apareceu no meio da mata, onde os escravos trabalhavam, e se manteve ao lado dos mesmos nos momentos de dor, embora os senhores tentassem carregá-la para uma capela construída em sua homenagem. Sua retirada para a igreja só foi possível quando os cativos a conduziram para lá através da sua maneira própria de dançar e cantar. A preferência da santa pelos negros escravizados os transformou no *povo de N. Sra., filhos do rosário*, devolvendo-lhes, assim, a condição humana que a situação do cativo lhes havia negado. É instaurado entre senhores e cativos, ainda que restrito ao momento, uma igualdade de condição. A dança dos escravos permaneceu nos ternos de congada, pensados hoje como formas únicas de devoção à N. Sra. do Rosário. A atualização periódica do evento ocorre nas festas em louvor à N.

³ A pesquisa foi realizada na região do Alto do Paranaíba, o que permitiu percorrer diversas cidades e conversar com congadeiros de Patrocínio, Patos de Minas, Carmo do Paranaíba, Cruzeiro da Fortaleza, São Benedito, Salitre de Minas, Araxá e Lagoa Formosa. A pesquisa de campo, porém, concentrou-se no município de Serra do Salitre, onde residi de fevereiro a setembro de 2004 e, após esse período, realizei visitas ocasionais até maio de 2006.

Sra. e, mais recentemente, também nos festejos de São Benedito e Sta. Efigênia, em algumas cidades. Isso permite reavivar entre os congadeiros a consciência de igualdade estabelecida por intermédio da santa entre negros e brancos ou escravos e senhores, e que hoje pode ser transposta para relações hierarquicamente desiguais, a exemplo da que é mantida entre patrões e empregados.

A congada revela, desse modo, ser possível encontrar elementos no imaginário da escravidão que permitam a elaboração de uma cosmologia sócio-cultural onde o negro aparece de forma positiva e socialmente reconhecida. O “cativeiro” lembrado pelos congadeiros não é, portanto, apenas o lugar do negro vitimizado, onde há pouco para ser valorizado, ele é também o espaço do escravizado como agente transformador da sua realidade. Afinal, foram eles, através da sua dança, que conquistaram o amor de N. Sra., revelando aos senhores o seu valor positivo, o que lhes possibilitaria ocupar naquela ordem social um lugar de destaque⁴.

Para muitos autores e também para representantes de movimentos sociais a escravidão é pensada exclusivamente como um conjunto de associações negativas a serem, por isso, esquecidas e deixadas para trás (Gilroy, 1993: 189)⁵. Em seu lugar, enfatiza-se uma origem africana detentora de uma grandeza histórica interrompida pela escravidão. A África aparece, dessa forma, como uma noção genérica e mítica, indiferente à variação intra-racial, pouco localizada e congelada no ponto onde os negros embarcaram em navios que os carregariam para dentro das mágoas e horrores do cativeiro (Gilroy, 2001: 22-23).

Para falar dessa perspectiva nos estudos brasileiros cito, especialmente, dois exemplos: o primeiro, em uma abordagem sobre os cultos afro-brasileiros e o segundo em uma análise histórica sobre a congada. A abordagem de Carvalho (1987) aponta para o esquecimento do “cativeiro” presente nos cultos das casas de Xangô do Recife, onde se enfatiza os deuses africanos e se cala face à escravidão, referindo-se apenas à experiência africana anterior ao tráfico

⁴ A aparição e retirada de N. Sra. do Rosário da mata para a capela é narrada pelos capitães de terno a partir de diferentes versões que relembram o evento mítico relacionado à santa, ao mesmo tempo em que estabelecem uma hierarquia entre os diferentes e tradicionais ritmos da congada (Moçambique, Congo, Vilão e Catopé). Cada versão, no entanto, procura ressaltar de forma particular o papel ativo dos escravizados nesse momento fundador, podendo conferir mais ou menos poder aqueles que retiram N. Sra. da mata e a conduziram para a capela. Para mais informações, conferir Costa, Patricia. *As Raízes da Congada: A Renovação do Presente pelos Filhos do Rosário*, Tese de Doutorado, PPGAS/UnB, 2006.

⁵ O discurso de Gilroy (1993 e 2001) reflete análises realizadas sobre processos históricos no Caribe que enfocavam, principalmente, as populações escravas da *plantation*. Seu objetivo era, numa perspectiva pós-moderna no interior dos estudos culturais, reconstruir a noção de modernidade a partir de uma ênfase na história cultural dos escravos, sobretudo dos negros, no mundo moderno. Assim, Gilroy (2001: 40) propõe perceber os negros como agentes dotados de capacidade cognitiva e com história intelectual, o que lhes foi negado pelo racismo moderno. Os congadeiros de Serra do Salitre podem, em alguma medida, tornar possível a realização dessa proposta.

e à experiência dos negros após a abolição, como se o “cativeiro” nunca tivesse existido (*ibid*: 22-25). No entanto, a África que aparece como referência está diluída em uma série de traços religiosos advindos de diversas regiões do continente, resultando no sincretismo entre diferentes religiões e a religião católica. O mundo xangô, dessa forma, torna-se:

... quase platônico, já que tudo que se realiza hoje é uma mera cópia, imperfeita, da glória antiga, do tempo em que os africanos faziam as coisas: a música que ora se ouve não é mais tão bem cantada; os tambores, um pálido reflexo da maneira antiga de tocar; a dança, também uma imitação sofrível dos maravilhosos toques de antes. (...) Sente-se em tudo a insuficiência do presente e uma luta desesperada por reter, ou pelo menos registrar, a rica experiência humana passada (Carvalho, 1987:3).

Nos estudos da congada, por sua vez, a análise histórica de Souza (2002) procura apreender o que há de africano na congada, percebendo-a como produto do encontro das culturas africanas e da cultura ibérica que num contexto de dominação produziu manifestações culturais mestiças. Sua abordagem não invisibiliza a origem na escravidão, nem aponta o esquecimento da mesma, mas não a tematiza como procuro fazer. A grandiosidade atribuída por Souza a essa tradição parece decorrente da sua origem africana e ibérica

As tradições e manifestações culturais afro-brasileiras foram, seguidas vezes, transformadas em um meio de demonstrar a continuidade com um passado africano. Para falar de uma cultura negra distinta e valorizada, a escravidão é deixada para trás e qualquer desejo de relembra-la parece tornar-se um obstáculo (Gilroy, 1993: 188-191). Em Serra do Salitre, por sua vez, a referência ao *tempo do cativeiro* como o *início do mundo*, desde o qual os negros são subordinados, é parte de uma percepção histórica popular compartilhada pelos congadeiros, diferente da história culta ensinada nos livros e colégios. Os congadeiros, dessa forma, ensinam que a ligação com o passado no “cativeiro” é suficiente para conferir à congada profundidade histórica e ao negro escravizado um valor positivo.

A categoria *raiz* refere-se à origem escrava e expressa a ligação contígua com esse passado, sendo referência central para entender a congada no tocante à constituição dos seus diferentes ritmos, hierarquia dos grupos, formação de lideranças e aos significados que dela emergem. É a proximidade com a *raiz* que confere autenticidade aos congados, algo diferente do que podiam ressaltar alguns representantes da Igreja que, afinados em grande medida com os propósitos e ideologias da Associação de Padres e Bispos Negros, atuante na região, atribuíam legitimidade à dança exaltando a sua origem africana nas missas realizadas nas festas.

Perspectivas como essa, que enaltecem a experiência na África em detrimento da escravidão, podem ser vistas como tentativas de inverter a posição social subalterna ocupada historicamente pelo negro nas Américas. Para tanto, asseguram a anterioridade da civilização africana frente à civilização ocidental invertendo a relação entre os termos. Os negros tornam-se dominantes em virtude da sua cultura anterior e aos brancos é alocado um papel subordinado (Gilroy, 1993: 190-191).

A valorização do descendente de escravo através da congada, por outro lado, não sugere uma inversão social, mas uma tentativa de valorizar os seus participantes situando-os durante as festas numa posição mais igualitária e menos assimétrica perante o resto da cidade. Isso é alcançado pela atualização do evento religioso que estabeleceu uma maior igualdade entre senhores e escravos. Os congadeiros hoje, a exemplo desse evento fundador, buscam a aceitação e o reconhecimento público da sua forma singular de louvor, mas não pretendem com isso realizar uma ruptura com a ordem estabelecida, nem a inversão da sua hierarquia⁶.

A aparição da Sra. do Rosário situou senhores e escravos em um mesmo patamar de humanidade. Se a libertação simbólica plena da escravidão seria atingida somente por essa consciência de igualdade (Martins, 2006: 28), as festas religiosas do Alto do Paranaíba atualizam periodicamente essa consciência e se tornam formas refinadas de luta contra os efeitos da pobreza e da discriminação vividas pelos congadeiros de hoje. Essa luta poderia ser travada pela lembrança e valorização de uma ancestralidade africana, porém para os congadeiros de Serra do Salitre, sobretudo, a memória que emerge liga-se à escravidão e é desse passado traumático que se elabora uma forma de contestação social que mistura arte e devoção.

As festas de congado de Serra do Salitre constituem-se em eventos rituais em que a igualdade entre os congadeiros pobres e negros na sua maioria pode ser momentaneamente estabelecida com os membros da elite local, mas que não se estende para outros momentos da vida social. Isso parece resultar das diferentes maneiras que a memória da escravidão pode ser acionada por congadeiros e não-congadeiros da cidade.

⁶ Uma manifestação cultural negra igualmente marcada pela não-ruptura com a ordem estabelecida é a capoeira analisada por Letícia Reis (1998). O enfrentamento indireto presente nos golpes e movimentos da capoeira expressa a resistência negra na sociedade escravista baseada antes na negociação, nas possibilidades de barganha e concessões, do que em rebeliões ou confrontos diretos. Na capoeira o corpo, percebido como suporte da memória, fala da escravidão e através da ginga, principalmente, exprime essa oposição entre acomodação e resistência, configurando, portanto, uma mistura de luta, jogo e dança fruto de uma negociação por autonomia e reconhecimento social iniciada no cativeiro (*ibid*: 56-57).

Como o “cativeiro” aparece?

Via de regra, *cativeiro* fala de uma situação marcada pela exploração, discriminação, maus-tratos, falta de liberdade e de autonomia produtiva. Normalmente, se refere a um período de tempo ligado ao passado, seja este um passado distante, quando *cativeiro* é sinônimo do *tempo dos escravos, da senzala e da covardia com os pretos*, ou um passado próximo em que não havia uma escravidão formalizada, como a que atingiu os negros, mas alcançou trabalhadores rurais vindos de fora, sobretudo do nordeste, que muitos anos após a abolição foram trabalhar nas fazendas de café do Alto do Paranaíba sendo submetidos a semelhantes privações e discriminações. O *cativeiro*, dessa forma, fala de uma situação que estabelece certos pressupostos de inferioridade aos escravizados e que na região atingiu preferencialmente os negros, mas não exclusivamente⁷.

Enquanto dança de origem escrava, a congada reúne hoje todos aqueles que identificam na suas histórias familiares situações de privação atribuídas ao *cativeiro*. Os congados agregam, por isso, os descendentes dos *negros cativos* que construíram a Serra e suas fazendas, bem como os filhos e netos daqueles trabalhadores que, não se consideram negros, mas reconhecem a escravidão como parte do seu passado de grupo.

Para essas pessoas é urgente atualizar periodicamente a aparição de N. Sra. do Rosário, estória partilhada por todos os congadeiros que narra o reconhecimento do valor dos escravizados pela santa branca. Se isso nos faz lembrar a semelhante condição humana que unia senhores e escravos, a atualização do evento parece instaurar uma consciência de igualdade entre patrões e empregados. Lembrar esse evento é cultivar uma memória do *cativeiro* transformadora e restauradora da auto-estima dos descendentes dos cativos. Por outro lado, lembrar da *covardia* intrínseca à escravidão é para muitos atualizar a subalternidade e o sofrimento que marcou os antepassados dos dançadores. Se a congada recorda um momento transformador, este deve ser exaltado nos dias de festa, enquanto as privações do *cativeiro* são parte de uma memória da escravidão cuidadosamente ocultada pelos congadeiros no seu dia-a-dia, mas, às vezes, lembrada com crueldade pelos membros da elite local, descendentes dos antigos senhores. A memória da escravidão, lembrada nesses termos, não é transformadora como ocorre na congada, ela é antes

⁷ Histórias relativas à escravidão contemporânea são narradas com certa frequência pelos congadeiros da cidade. Uma história recorrente refere-se a do *fazendeiro que comprou um caminhão de baiano* para trabalhar nas suas terras e promovia o constante endividamento dos seus empregados, impedindo-os, assim, de deixar a fazenda até pagarem a passagem de vinda e tudo que consumiram para ali se instalar.

reforçadora da subalternidade dos negros de hoje, perpetuando neles a condição social que caracterizou seus antepassados.

As histórias de sofrimento permeiam a memória familiar de grande parte dos congadeiros da Serra que podem apontar as marcas físicas e psicológicas deixadas pelo *cativeiro* nos avós e bisavós de dançadores⁸. Não querer tocar no assunto é mais uma tentativa de ocultar essa dor, do que uma forma de negação ou esquecimento desse passado. Como se diz: *são tristezas que a gente não gosta de falar, não gosta de lembrar e quer esquecer*, mas não consegue. Afinal, é marcante a lembrança dos avós e bisavós que nasceram “cativos” e traziam no corpo as marcas da escravidão, como a ausência de dedos nos pés ou nas mãos (ou a deformação dos mesmos) que atuavam como sinais diacríticos entre os escravos de cada fazenda. Também é destacada a recordação dos antepassados que não falavam do *cativeiro* com os netos e bisnetos, mas reproduziam com eles o padrão de maus-tratos um dia vivido nesse contexto:

Eu pensava que minha avó me judiava porque foi muito judiada, credo... Ela me batia com correia de couro cru e depois me fazia dormir em cima de uma caixa grande sem cobertura, sem travesseiro, sem nada. Não me deixava deitar na cama, era um frio... (...) Eu também ia com ela nas roças e ela punha cada saca de feijão na minha cabeça. Ela judiava muito, Nossa Senhora! (Congadeira de 80 anos ao explicar a ruindade da avó, caso alguém lhe desobedecesse).

Sobre isso os congadeiros preferem silenciar, embora possam eventualmente narrar alguma coisa, mas as relíquias da escravidão emergem a todo o momento nas paisagens rurais e urbanas de Serra do Salitre e demais municípios, rompendo esse silêncio na forma de muros de pedra, casarões com telhas *feitas na coxa dos escravos*, além dos porões localizados nos subsolos das casas e destinados aos *pretos cativos*⁹. As senzalas, por sua vez, não foram abundantes na região, presentes em poucas fazendas e estando hoje completamente destruídas. O *tempo da senzala*, portanto, refere-se à escravidão racial, mas a senzala aqui mencionada aparece como símbolo do período, não tanto como uma referência concreta. Semelhante aos muros de pedra sobre os quais são construídas as novas edificações da cidade, os *antigos escravos* e seus descendentes permanecem invisíveis para a elite local. Sua importância no presente e no passado é pouco reconhecida, porém são fundamentais para o desenvolvimento da região.

⁸ Muitos congadeiros também ressaltam a presença de parentes que não nasceram cativos, pois nasceram após a abolição, mas que foram igualmente dominados pelos patrões, sendo submetidos à mesma *covardia* que atingiu os demais.

⁹ Os muros de pedra construídos pelos escravos são emblemas importantes da difícil vida dos *cativos* que transportavam por longas distâncias inúmeras quantias de pedras destinadas às bases ou fundações de muros e casas da região.

Diferente dos participantes da congada, os mais velhos representantes da elite fundadora da cidade podem facilmente lembrar o *cativeiro* e falar desse passado de *covardia com os pretos* sem maiores constrangimentos. Essa lembrança visava, muitas vezes, exaltar a riqueza um dia presente na sua família ou na de outrem atestada pela quantidade de negros escravizados que as fazendas já comportaram. Sobre os maus-tratos inerentes ao período, indicam que os fazendeiros mais *carrascos* ou com *espírito mais escravista* eram os outros, nunca seus próprios antepassados. No discurso, tais herdeiros procuravam ressaltar a afetividade que também permeava a relação dos senhores com os seus cativos¹⁰.

Outra marca indelével da escravidão pode ser encontrada nos *nomes de assinatura* e, sobretudo, nos apelidos dos congadeiros. Descendentes de escravos nesse contexto podem eventualmente carregar o sobrenome dos senhores dos seus antepassados cativos, de modo que famílias de posições sociais diametralmente opostas são, algumas vezes, identificadas pelo mesmo sobrenome. Os apelidos, por sua vez, também podem fazer referência à escravidão na medida em que justapunham ao nome da pessoa o lugar um dia trabalhado por ela na condição de cativo. Quem trabalhou na Fazenda da Areia era, portanto, conhecido como Fulano da Areia, um apelido pejorativo aos olhos dos que o recebiam, pois perpetuava a subordinação que a pessoa esteve submetida¹¹.

Os nomes e apelidos parecem, assim, atender a uma lógica de englobamento que revela uma relação de dominação. O segundo elemento abarca o primeiro indicando a quem este está subordinado e a quem ele pertence. Os escravizados, desse modo, pertenciam a famílias e a fazendas, a perpetuação desses apelidos em seus descendentes, denominados, hoje, Fulano, neto do Fulano da Areia, tornaram-se, ao lado das outras cicatrizes, marcas da escravidão que feriu os seus ancestrais.

¹⁰Como pude ouvir de uma senhora: *Minha mãe contava que eles tinham aquele carinho com as pretas, que as pretas vinham a cavalo com a patroa, com toda a consideração... Mas tinha uma outra família (...) que era de uma maldade... O homem montava a cavalo e o escravo tinha que ir correndo na frente para abrir a porteira, se ele não chegasse ele apanhava (risos).*

¹¹Os nomes e apelidos também podem apontar a forte devoção católica compartilhada pelos congadeiros, além de indicar uma ênfase na relação de filiação, uma relação fundamental na transmissão dos saberes ligados à congada. Lázaro filho do Deco, por exemplo, torna-se Lázaro Deco, um padrão de nominação, que associa pais e filhos, comum na península ibérica e que parece estar além da escravidão, mas em Serra do Salitre pode ser apontado como decorrente desse passado. A referência a santos católicos emerge, entretanto, nos nomes de pessoas mais velhas, enquanto os mais jovens preferem escolher para seus filhos nomes difundidos pela mídia. Nesse sentido, João Batista, Luzia, Antônio, Sebastião, Francisco, Benedito, Rosa, Gaspar, Baltazar, Bechó, dentre outros, exaltam a fé dos assim denominados, bem como apontam a importância das festas religiosas para a população local, sejam estas festas de congada, homenageadas nos nomes Rosa e Benedito, festas em louvor ao padroeiro da cidade, São Sebastião, ou folias de reis, lembradas em Gaspar, Baltazar e Bechó.

O silêncio ou o constrangimento em falar da *covardia* do *cativeiro* parece uma tentativa de afastar a imagem do escravo vitimizado e oprimido que poderia ser transferida para os seus descendentes cujas histórias de vida são igualmente permeadas de sofrimento decorrente da pobreza e da exploração vivida no trabalho. Por causa disso, acessar as histórias de vida dos membros dos ternos tornava-se uma tarefa árdua nas conversas diárias, embaraço que desaparecia por completo quando se falava da congada e da sua relação com N. Sra. do Rosário. Nesse momento a conversa fluía, as respostas evasivas sumiam e o congadeiro tomava para si a palavra, posicionando-se como a autoridade e o centro da narrativa. Essa transformação o acompanha durante as festas religiosas e se exprime de forma notada na sua postura corporal. O corpo encurvado, os ombros encolhidos, a cabeça baixa e os olhos que quase não encaram os demais cedem lugar à postura ereta, à cabeça erguida e ao sorriso constante ao tocar, dançar e cantar versos em homenagem a N. Sra. O corpo torna-se aqui expressão da igualdade estabelecida pela santa entre senhores e escravos (ou ricos e pobres) e a congada é o meio primordial para a sua atualização, por trazer em si uma liberdade de movimentos que se opõe à constrição do *cativeiro*.

Uma última maneira utilizada pelos congadeiros para falar do *tempo da covardia*, sem que isso traga constrangimentos ao narrador, refere-se às estórias de assombração contadas com entusiasmo por alguns dançadores:

Que existe assombração existe! (...) Ali no Capão Fundo tem uma casa que você vê os escravos apanhar, mexer nas latas e fazer comida. Diz o D. [trabalhador da fazenda e dançador de congada na cidade] que uma noite levantou e ouviu eles [os fantasmas] baterem no chão arroz, feijão... Eles juntavam os cavalos, arriavam os cavalos, tocavam tudo sabe?E dava para ver eles cantando bonitinho... Um dia o J. [dono da fazenda] disse: “Na hora que mexer nas vacas eu vou meter fogo!” Não deu outra, ele levantou e atirou no escuro, atirou bonito mesmo, mas só derrubou mantimento, era assombração... O D. já viu um homem em pezinho parado no curral, aí ele disse: “Vou perguntar a ele se eles tiram muito leite, porque eu mesmo não tô tirando nada, eles tiram a noite inteira...” (risos).

Em tais narrativas, o sofrimento do passado permanece imutável na figura de fantasmas de escravos que povoam a região e se mantém perpetuamente como cativos nas fazendas que assombram. A imagem do escravo, no entanto, sofre aqui uma transformação: a vítima do *cativeiro* se torna um agente da realidade, que reage ao passado vingando-se da *covardia* nos descendentes dos seus antigos senhores. Enquanto assustam e enlouquecem os bisnetos dos seus algozes, convivem pacificamente com os trabalhadores rurais dessas localidades. *É só pedir licença!* Repetem os congadeiros, ensinando-me a conviver com esses fantasmas, símbolos do

passado. As histórias também sugerem que no mundo do trabalho a linha divisória entre passado e presente se torna tênue, tanto quanto durante as festas que recriam a aparição da Sra. do Rosário. Porém, se nas comemorações religiosas os ternos de congada lembram o reconhecimento público do escravizado, nas fazendas de gado os fantasmas, que desenvolvem as mesmas atividades dos trabalhadores vivos, tornam presente a *covardia*, indicam a permanência da exploração nas atuais relações de trabalho e, de algum modo, aparecem como uma possibilidade de reação.

Os escravos desvalorizados no passado aparecem projetados numa presença fantasmagórica igualmente invisível, mas que impõe sua existência aos fazendeiros e trabalhadores de hoje. Essa forma que apavora os patrões sugere uma inversão, onde os cativos são tornados inatingíveis e não podem mais ser maltratados, embora estejam vinculados a uma condição oprimida. Se nas fazendas a ação dos fantasmas impõe o reconhecimento da presença e importância dos cativos, nas festas os descendentes dos antigos escravos impõem, através da congada, uma forma de valorização e aceitação. A escravidão se faz coetânea nas histórias de fantasma, bem como na congada. Em ambas, o sofrimento dos antepassados não constrange os seus descendentes. As privações do *cativeiro* são, dessa forma, tornadas inócuas aos dançadores de hoje.

Quando não é tempo de festa, os membros da congada parecem preferir não mencionar a escravidão a partir da memória familiar. As relíquias desse passado, como mencionado, invadem os espaços urbanos e rurais e denunciam a presença marcante do *cativeiro* no Alto do Paranaíba. Mas é durante os festejos religiosos que a memória da escravidão é notadamente acionada pelos descendentes de escravos, que na dança recordam a transformação dos negros cativos no *povo de N. Sra.* A lembrança da *covardia* está inevitavelmente presente, porém, nesse momento, a tristeza pode ser controlada pelos limites do ritual que tem hora certa para começar e terminar.

A centralidade do *cativeiro* e a sua atualização

Se a palavra *raiz* refere-se à origem, que para os congadeiros é indissociada do *cativeiro*, para a elite local a escravidão também é de suma importância para pensar a formação da cidade, além de ser a experiência norteadora das atuais relações entre patrões e empregados. Tais relações parecem perpetuar, de algum modo, a exploração vivida no *cativeiro*. Embora não sejam reproduzidos os maus-tratos daquele contexto, algumas práticas, como não receber pagamento em dinheiro (quando recebem algo em troca dos seus serviços) ou ter sua entrada e saída do trabalho rigorosamente controladas pelos patrões, podem destituir os empregados de hoje da sua

autonomia, como ocorria com os cativos. A atualização desse passado, que pode agora envolver os descendentes dos escravos e também dos senhores, torna necessário reviver a valorização do escravizado e, portanto, dos seus descendentes pela aparição de N. Sra. do Rosário.

A escravidão foi o *início de tudo* para os descendentes dos cativos e o contexto fundador do povoado, que mais tarde tornaria-se Serra do Salitre. Inclusive, a primeira ação oficial do distrito de paz serralitrense em 1872 foi o registro da escritura de venda de um escravo (Ferreira, 1994: 10). Se a escravidão instaurou o mundo para os congadeiros e a rotina civil da cidade, o negro nesse contexto não existe antes ou desvinculado dessa condição social subalterna. O *cativeiro* está, portanto, fortemente imiscuído no imaginário local sobre o passado e, como resultado, o negro (ou o *preto*) aparece como sinônimo de escravo, o que vem sendo afirmado desde Gilberto Freyre (1997: 315)¹².

A cor e a ascendência escrava podem emergir nesse contexto como traços diacríticos da população, diferença essa afirmada pelos membros da elite local que estabelecem e reforçam a distância entre “nós” e os “outros” nesses termos. O João Preto, o Neguinho Mecânico, o Pretinho, o seu Nego Delfino, bem como o Fulano do Miguel da Areia, são apelidos que evocam essa diferença marcada pela cor e pela origem no *cativeiro*. Os negros são, portanto, percebidos pelas famílias fundadoras da cidade como um grupo distinto, subordinado aos demais e detentor de *manias* próprias ligadas ao seu modo de falar, andar, vestir (ou não vestir, como é o caso dos pés, muitas vezes descalços) e também ao seu modo de louvar santos católicos através da congada. Enquanto os negros possuem *manias* – palavra pejorativa que denota algum tipo de desequilíbrio mental marcado por exaltação –, as famílias tradicionais possuem hábitos e costumes. Ao mesmo tempo em que a diferença dos negros é assinalada pela elite local, ela é também diminuída e desvalorizada. A aversão às *manias dos pretos* faz da congada algo igualmente depreciado e pouco reconhecido por parte desse grupo. Mas, pode ser eventualmente apropriada pelo sistema político local de modo asséptico como folclore, seja nas festas cívicas do município ou nas campanhas eleitorais.

A maioria dos congadeiros, por sua vez, pode se perceber como negro, o que não é uma regra estrita, mas não costumam atribuir à cor as causas formadoras das características que os diferenciam da elite local. Seus modos de vestir e falar, por exemplo, são antes decorrentes da sua

¹² Para analisar a constituição da família brasileira, Freyre (1997:315-316) propõe uma perspectiva histórica onde o conceito de raça cede lugar ao de cultura na medida em que é impossível a separação do negro, introduzido no Brasil, de sua condição de escravo. Mais do que a contribuição de uma raça sobre a formação do Brasil, Freyre ressalta a ação de uma raça submetida ao *cativeiro*, condição social específica ligada a um sistema econômico particular (o escravismo) que gerou a influência do negro na formação da cultura brasileira.

pobreza e da conseqüente falta de instrução. Sua forma específica de devoção à N. Sra. do Rosário é, de modo irrefutável, advinda do *cativeiro*, sendo hoje partilhada por todos que se consideram descendentes dos cativos (negros ou não) e que atualmente ocupam posições subalternas na cidade. As discriminações associadas aos *pretos* e aos descendentes dos escravos foram, assim, transferidas aos pobres, o que associa tais categorias, tornando-as muitas vezes sinônimas. Aos olhos da elite local, a inferioridade atribuída ao escravo no passado é hoje apresentada como aspecto intrínseco ao negro e, conseqüentemente, ao pobre. Isso naturalizou o racismo e o preconceito, tornando-os *instintivos* aos olhos de alguns moradores da cidade.

O mundo, que no passado poderia se dividir entre brancos e negros ou senhores e escravos, é atualmente percebido como separado entre ricos e pobres, o que engloba aquela divisão na medida em que a pobreza em Serra do Salitre tem uma cor predominante¹³. A separação é constatada pelos serralitrenses, porém não é rígida nem fixa, não implica, por exemplo, na existência de bairros destinados exclusivamente a uma dessas classes sociais. Pobres e ricos podem residir lado a lado, mas o trânsito entre as suas casas é limitado e pautado pela hierarquia. A proximidade não implica em aceitação ou valorização dos que ocupam as posições subalternas, o que é particularmente refletido nas festas religiosas, quando a elite local permanece indiferente aos ternos de congada que alegrem a cidade e são compostos pelos seus empregados.

É geralmente na condição de empregado que os congadeiros freqüentam as casas da elite, assim como é na figura do patrão que solicita serviços ou do político à procura de votos que os ricos transitam entre os pobres. Uma relação simétrica entre esses diferentes tipos sociais é dificilmente atingida. Quando acontece, em casos excepcionais, há imensa dificuldade por parte dos congadeiros em achar uma categoria capaz de expressar esse tipo de relação. Os ricos que freqüentam a sua casa desinteressadamente podem ser tidos ora como *pretos*, ora como *pobres iguais a nós*. Para a elite local, por sua vez, será atribuído a esse trânsito um significado político ou instrumental, em que o convívio é percebido como um favor a ser retornado em votos nas próximas eleições ou na forma de lealdade em questões de trabalho.

¹³ No Salitre de Minas, comunidade próxima a Serra do Salitre, a cor é o principal elemento diferenciador da população e não aparece permeado pela distinção entre pobres e ricos. Enquanto na Serra os congadeiros que se consideram negros pedem desculpas às visitas pela casa ser de pobre, no Salitre desculpa-se pela casa ser de *preto*. Se a pesquisa tivesse se desenvolvido apenas nessa pequena comunidade, vizinha a Serra e igualmente detentora de ternos, poderia-se ter atribuído outros significados à congada tornando-a uma forma de expressão única e exclusiva da população negra sem abarcar pessoas que não se consideram negras, mas se identificam com o passado no *cativeiro*.

Apesar dessa divisão, as relações entre patrões e empregados podem ser marcadas, simultaneamente, pela afetividade e pela hierarquia, um padrão de relação ambíguo possivelmente herdado do *cativeiro* vivido em Serra do Salitre. A presença de porões situados no subsolo das casas e destinados aos cativos, ao invés de senzalas, parece emblemática dessa relação mantida um dia entre senhores e escravos. Os cativos eram parte primordial da casa, estando próximos e se confundindo, desse modo, com as suas fundações. Eram, portanto, o alicerce daquela estrutura, subordinados à mesma, oprimidos por ela e imperceptíveis à organização que sustentavam. Assim como os porões contíguos às casas, os escravos mantinham com os senhores uma relação próxima e metonímica que podia gerar entre eles relações de amizade e intimidade, porém não impedia a presença de *covardias*, nem resultava numa participação igualitária dos negros na ordem social que construíram e ajudavam a manter. *Eram como se fossem da família*, podia-se exaltar, o que parecia torná-los duplamente cativos: pelo afeto e pela dominação física exercida sobre eles.

Esse duplo aspecto do cativeiro que atuou na subordinação do negro escravizado em Serra do Salitre permaneceu vigente após a abolição, quando os escravos transformaram-se em agregados das fazendas onde trabalhavam, e aparece num passado muito próximo transposto na figura dos *criados*. Estes se referem a pessoas adotadas quando crianças por famílias afluentes para exercerem, primeiro, tarefas ligadas ao cuidado das crianças, sendo então chamadas de *pajem*, e, posteriormente, tornarem-se empregados domésticos responsabilizando-se por todos os serviços da casa. Em troca, recebiam alimentação e vestuário, não havendo qualquer remuneração monetária.

Semelhante à palavra cativo, a categoria *criado(a)* também condensa os significados ligados à hierarquia e à afetividade. Ao mesmo tempo em que o *criado* cuida da casa e da reprodução física da mesma, ele é sustentado e sente-se cuidado pela família dos patrões. O afeto inerente à situação acaba formando um sentimento de dívida e gratidão que aprisiona moralmente os *criados* nessa relação. A dívida transforma-se em lealdade e poderá transpor sucessivas gerações, sendo comuns filhos de *criados* tornarem-se empregados dos filhos dos patrões, mas agora como assalariados. A afetividade reforça a subordinação do *criado*, pois impede a ruptura com a dominação física e moral ali existente. Como o escravizado, o *criado* pode ter sua autonomia tolhida, na medida em que os patrões regulam sua entrada e saída do trabalho. Por outro lado, são afetivamente capturados por aqueles que os dominam. *Parece que o carinho cativa a gente, né? Repete uma criada.*

O(a) *criado(a)* expressa, desse modo, a permanência nos dias de hoje da relação de exploração e afetividade uma vez estabelecida entre senhores e cativos. Como inúmeros relatos podem demonstrar:

Eu lembro que a minha avó trabalhava na casa de um pessoal e ficava fazendo um monte de roscas e biscoitos. Eu ia com ela algumas vezes e lembro dela nunca ter podido levar para os filhos e netos uma rosca que ela própria tinha feito. Só de vez em quando a patroa deixava ela levar alguns biscoitos, porque já estavam velhos e na casa ninguém iria comer.

A importância do *cativeiro* para pensar as relações hierárquicas na Serra aparece de forma aguda nessas situações. No contexto após a escravidão, a figura do *criado* parecia decorrente de relações de compadrio mantidas entre patrões e empregados. Nesses casos, o compadrio está associado a laços verticais (patronagem), pois se instaura numa relação hierárquica em que a desigualdade de poder entre patrões e empregados impede uma troca simétrica entre as partes ligadas também por uma relação de amizade¹⁴. O que os patrões oferecem são coisas imediatamente tangíveis, como ajuda econômica e trabalho, enquanto os empregados retornam o apoio em vantagens intangíveis, como demonstrações de lealdade e gratidão.

Os padrinhos são pais substitutos que devem criar os afilhados na falta dos pais biológicos. Entre congadeiros, o compadrio reforça os laços que unem essa rede de solidariedade e auxiliam na manutenção física de padrinhos e afilhados. Diferentes tipos de batismo podem instaurar o compadrio em Serra do Salitre, como o batismo de nascimento, de fogueira e de consagração. Os três tipos reforçam os laços entre compadres e visam garantir a proteção do afilhado por parte dos padrinhos, embora sejam estabelecidos em diferentes situações. Enquanto o primeiro é realizado na Igreja e com a criança recém-nascida, o de fogueira é realizado nas festas juninas, com a criança mais velha e em torno da fogueira, seu objetivo, além daqueles descritos, é assegurar a proteção do afilhado contra acidentes com fogo e afogamentos¹⁵. O batismo de consagração, por sua vez, também pode ser chamado de crisma, quando na Igreja a criança confirma sua ligação com o catolicismo.

¹⁴ Sobre as relações patrão-cliente decorrentes de uma relação de amizade conferir Wolf (2001). Também se deve ressaltar que é comum o estabelecimento de relações de compadrio entre os congadeiros de Serra do Salitre, o que se institui numa situação de maior igualdade entre compadres, reforçando a coesão dessa rede de relações onde circula ajuda - mútua e solidariedade fundamentais à manutenção física dos dançadores de congada.

¹⁵ Para esse batizado não é necessária a presença do padre, uma vez que ele pode ser realizado pelos chamados ministros da eucaristia, pessoas leigas habilitadas a oferecer a comunhão na ausência do pároco. No batismo da fogueira os padrinhos devem segurar o afilhado e dar três voltas em torno fogueira junto à pessoa que realiza o batizado.

Os congadeiros atribuem imensa responsabilidade ao elo instaurado entre padrinhos e afilhados nesses diferentes batizados. Por isso, quando a pobreza está acentuada teme-se batizar alguém e não poder arcar futuramente com a obrigação de substituir os pais do afilhado. Em um cenário onde acidentes de trabalho e a falta de saneamento básico aumentam as taxas de mortalidade entre os trabalhadores, é elevada a possibilidade de uma criança ser criada pelos padrinhos. Se isso ocorrer, os afilhados dos congadeiros serão percebidos como filhos e irmãos na família que os acolhe.

No compadrio vertical, estabelecido entre patrões e empregados, por outro lado, forma-se o *criado*. Para este, os padrinhos tornam-se uma mistura de pai e patrão, ambivalência presente, por exemplo, no discurso em que a *madrinha* vira *patroa* quando a afetividade e a admiração são substituídas pela obediência que revela a falta de autonomia característica dessa relação:

Quando meu pai morreu, minha mãe achou que não dava conta de criar a gente, então eu não fui criada pela minha mãe. Ela me deu para a minha madrinha, uma mulher muito boa, que ajudava os pobres (...). Eu não esqueço, eu era uma menina de dez anos quando veio um terno dançar aqui na Serra, mas a minha patroa, essa senhora que me criou, não gostava que a gente saísse. Então eu não saía, não podia passear, não podia chegar perto. Eu ficava do alpendre assistindo a festa, sempre com aquela vontade de estar ali no meio dos dançadores, aí eu falei: “Um dia eu vou ter a minha liberdade!”.

No *cativeiro* físico e moral que permanecia na Serra, a congada emerge como sinônimo de liberdade. Durante as festas a postura corporal é o mais explícito indicador dessa libertação. As posturas encurvadas desaparecem durante a dança e cedem lugar para a cabeça erguida que louva N. Sra. do Rosário. A congada, nesse sentido, parece carregar um potencial de contestação da inferioridade atribuída ao pobre descendente de cativos, na medida em que a dança atualiza o reconhecimento social promovido pela santa branca que se compadecia dos negros escravizados e os valorizava nesse sentido. A valorização do escravo presente na congada permite que a escravidão seja lembrada de forma positiva, por meio de uma memória transformadora, que não inverte as posições sociais, mas eleva a auto-estima de uma parcela da população que se identifica com o *cativeiro* e sofre, em grande medida, os efeitos desse passado expressos hoje na pobreza e no preconceito que os envolve.

A desvalorização dos pobres e negros de Serra do Salitre parece gerar a invisibilidade dessa parcela da população, o que é particularmente sentido na sua ausência física no dia-a-dia da cidade, quando, das seis da manhã às cinco e meia da tarde, eles permanecem nas fazendas de gado ou café prestando variados serviços. As festas em que os congados se apresentam emergem

para os dançadores dos ternos como momentos máximos de visibilidade, quando os descendentes de escravos se expressam enquanto grupo reconhecido e valorizado por N. Sra. do Rosário. Por meio da congada, os dançadores buscam hoje a valorização pública da sua forma de louvor herdada do *cativeiro*, bem como almejam o reconhecimento da sua importância social. Mas, semelhante ao passado de escravidão, os integrantes dos ternos lidam diariamente com o preconceito e periodicamente com a indiferença e o desrespeito em relação aos ternos e à suas festas.

A consciência de igualdade estabelecida por N. Sra. parece, assim, ter sido momentânea, passageira e restrita aos escravizados, sendo hoje perpetuada pelos seus descendentes, mas pouco presente na população que os rodeia. As festas são, portanto, momentos especiais destacados da vida cotidiana. Nesses momentos, é quebrado o silêncio sobre a escravidão nos termos dos próprios descendentes de escravos, cujas vozes ecoam nos congados que se apresentam e atualizam essa consciência de igualdade. A congada descortina o potencial contestador da cultura popular, que permite aos seus praticantes lidar com a pobreza e com a discriminação que os afeta.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, José Jorge. “A Força da Nostalgia: Uma Concepção de Tempo Histórico dos Cultos Afro-brasileiros Tradicionais”. In: *Série Antropológica n.º 59*. Brasília/DAN. 1987.

FERNANDES, Florestan. *O Negro no Mundo dos Brancos*. São Paulo: Dif. Européia do Livro, 1972.

FERREIRA, Wilson Castro. *Fatos e Figuras. Memórias de Serra do Salitre*. JD Produções: Patrocínio-MG, 1994.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 32ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 32ª edição 1997.

GILROY, Paul. *The Black Atlantic. Modernity and Double Consciousness*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1993.

GILROY, Paul. “Prefácio à Edição Brasileira”. In *Atlântico Negro. Modernidade e Dupla Consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

MARTINS, Cristian Farias. *As Fronteiras da Liberdade*. O campo negro como entre-lugar da identidade quilombola. Dissertação de Mestrado. Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, Universidade de Brasília, 2006.

REIS, Letícia V. de Souza. “O Jogo da Capoeira: Uma História contada pelo Corpo”. In Wolfgang Döpcke (org.) *Crises e Reconstruções*. Estudos Afro-Brasileiros, Africanos e Asiáticos. Anais do VI Congresso da Associação Latino-Americana de Estudos Afro-Asiáticos do Brasil. Brasília: LGE, 1998.

SOUZA, Marina de Mello. *Reis Negros no Brasil Escravista*. História da Festa de Coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

WOLF, Eric. "Kinship, Friendship and Patron-Client Relations in Complex Societies". In: *Pathways of Power*. Los Angeles: University of California Press, 2001.